

NARRATIVAS DA ANGOLA INDEPENDENTE: OS ROMANCES POLÍTICOS DE PEPETELA

Carolina Bezerra Machado¹

INTRODUÇÃO

Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chamava de anarquista. As revoluções são para libertar, e libertarem quando têm sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefatos que os ditos revolucionários carregam às costas toda a vida. (PEPETELA, 2013, p.131)

Retirado do romance *A Geração da Utopia* (1991-1992), escrito por Pepetela, o trecho acima faz parte de um diálogo desenvolvido no livro entre os personagens do livro – Marta e Sara – sobre Aníbal, um jovem revolucionário e idealista que participava ativamente das lutas pela independência de Angola. A narrativa do livro se concentra entre os anos de 1961, retomando a Casa dos Estudantes do Império, e 1991-1992, quando o país se aproxima do multipartidarismo político e rompe com o socialismo de Estado, possibilitando a abertura do capital.

Ao enfatizar os desvios do projeto político antes almejado, o livro constrói uma narrativa que é marcada pela desilusão, característica da escrita de Pepetela após a independência. Frente à permanência de um governo excludente que mantém uma estrutura política e social corrupta e patrimonialista, o autor denuncia que os interesses do Estado acabam por deixar à margem grande parte da sociedade angolana, que ainda vive na pobreza. Há nas linhas escritas pelo intelectual o inconformismo frente a um projeto nacional que não

¹Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense.

se concretizou, pelo contrário, se esmiuçou devido aos interesses capitalistas que originaram uma burguesia emergente de caráter predatório.

Ao refletirmos sobre a escrita de Pepetela nos surpreendemos com a análise histórica contida em seus romances. A sua escrita engajada não apenas retrata um período, mas se posiciona politicamente; ao mesmo tempo que é influenciada pelo seu meio. O intelectual em questão interfere na vida social de Angola, principalmente ao desempenhar um papel crítico frente ao desenvolvimento da sociedade e do Estado angolano. Autodenominando-se um “socialista utópico”, Pepetela defende um projeto político que seja capaz de produzir uma democracia estável e uma sociedade mais igualitária, em que o acesso à educação seja mais amplo. O ensino forte, inclusive, sempre foi uma bandeira defendida pelo escritor. De acordo com uma de suas entrevistas, durante o período em que foi Vice-Ministro da Educação, cerca de 95% das crianças estavam sendo alfabetizadas, enquanto que hoje esse número diminuiu.²

Nascido em Benguela, Pepetela, nome de guerrilha de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, é exaltado como um dos maiores escritores de língua portuguesa.³ Ao se deslocar ainda jovem para Portugal, com o objetivo de concluir seus estudos, envolveu-se com importantes setores da vida política e cultural. A participação na Casa dos Estudantes do Império, as contribuições literárias para a Revista *Mensagem* e as amizades que solidificou em Lisboa foram experiências fundamentais que contribuiriam para a escrita engajada que marcará a sua produção literária. Devemos lembrar ainda a influência da sua formação como sociólogo, da mesma forma, o seu papel de professor da Universidade Agostinho Neto.

2 Entrevista com Pepetela concedida ao jornal Folha de São Paulo no dia 09 de maio de 2012. Encontrado em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/41711-pepetela-investiga-a-angola-do-seculo-17-em-novo-livro.shtml>. Acessado em: 04/05/2016.

3 Pepetela já recebeu o prêmio de literatura por obras como *Mayombe* e *Yaka*, assim como o Prêmio da Associação paulista dos críticos de arte (APCA) pelo livro *Geração da Utopia*; o Prêmio da União dos Escritores Angolanos (UEA); Prêmio Camões pelo conjunto de sua obra; o Prêmio holandês Prinz Claus, novamente pelo conjunto da obra; o Prêmio da Câmara Municipal de Sintra (Portugal); recebe a Ordem de Rio Branco (Brasil) e o Prêmio literário de escritor galego universal promovido em Santiago de Compostela.

Do mesmo modo, a experiência como guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) também comprometerá a escrita do intelectual, suscitando questionamentos precisos para compreender as diferenças existentes entre a sociedade angolana. A participação na política do país também se estenderá para o pós-independência, em que ocupará cargos políticos importantes que o levarão a formular suas críticas ao Estado e ao governo que se formou.⁴

Portanto, embora não sejam autobiográficos, seus livros inúmeras vezes delineiam experiências pessoais que se entrelaçam à história do país. Este ponto de vista implica reconhecer a importância intelectual e social do autor para o cenário político e cultural angolano, fazendo de sua produção um importante documento para compreendermos a história angolana.

Em conjunto a estas experiências, podemos perceber que Pepetela se encontra dentro de uma tradição literária de comprometimento com a história do país. A literatura, aparecendo como central nos debates políticos e sociais de Angola, se posicionou como uma arma de combate ao colonizador e, do mesmo modo, posteriormente, também contribuiu para a formação da identidade nacional, por oras problematizando a posição do Estado, que defendia a homogeneização da sociedade,

Por estas questões, reconhece-se que os romances de Pepetela são fundamentais para refletirmos sobre a história contemporânea do país. À medida que abordam temas centrais como a corrupção do Estado, as práticas clientelistas, as relações entre o público e o privado, o escritor se coloca em diálogo com uma historiografia que problematiza as relações políticas que se formaram nos países africanos após a independência. Novas leituras apontam também para a responsabilidade africana na condução dos projetos políticos e econômicos que se desenvolveram no período pós-independência. E, embora se reconheça as heranças deixadas pelo colonialismo, o interesse está em nos atentarmos para o modo com que os africanos reinterpretaram essas heranças, assim como as adaptaram às suas realidades. (ARRIGHI, 1994).

4 Pepetela foi diretor do Departamento de Educação e Cultura do MPLA, Diretor de Orientação política do MPLA e atuou como Vice-Ministro da Educação e Presidente da Comissão nacional para a Unesco.

Assim, as construções dos personagens de Pepetela denotam uma verossimilhança com a realidade do país; mas longe de estarem presos diretamente “aos de cima”, suas críticas possibilitam nos voltarmos para os diferentes tipos sociais que formam a sociedade, encontrando tanto no macro quanto micro poderes as formas que delineiam um país marcado pela violência e autoritarismo.

Deste modo, o presente artigo faz parte de uma reflexão teórica e metodológica acerca das principais fontes de pesquisa utilizadas para analisar as relações de poder em Angola após a independência do país em 1975: os textos literários. Propõe-se destacar a importância dos romances de Pepetela para refletir sobre as estruturas políticas e sociais em Angola. Contextualizados, os romances políticos do autor contribuem para problematizarmos questões pertinentes. Através dos seus posicionamentos, da sua escrita, mas também dos seus silêncios, podemos construir uma importante análise social a partir da perspectiva de um angolano.

Todavia, a escolha da literatura como fonte principal para a escrita histórica está baseada em uma perspectiva historiográfica que compreende todo documento como sendo ao mesmo tempo verdadeiro e falso, cabendo ao historiador colocar à luz as condições de produção e de mostrar em que medida aquele documento é instrumento de um poder. (LE GOFF, 2003, p.525).

LITERATURA ANGOLANA COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

A literatura, desde os tempos coloniais, se configurou em Angola como uma das principais formas de expressão da sociedade. Embora o hábito de leitura ainda seja restrito a poucos, visto o alto índice de analfabetismo no país, assim como o preço elevado dos livros, a história dos angolanos, da mesma forma como a sua escrita, está diretamente relacionada com o mundo das letras. A formação de uma nova geração de intelectuais, formada, sobretudo, em Portugal a partir da década de 1940, possibilitou o aparecimento de uma intensa produção literária de crítica ao autoritarismo do colonizador. Destacam-se movimentos nacionalistas que ganharam relevância a partir do surgimento dos *Novos intelectuais de Angola*, grupo voltado para a reflexão do homem angolano. A construção de uma identidade em oposição ao colonizador traz uma unidade ao grupo ao proporem a construção da verdadeira face angolana (CHAVES, 2009).

Nota-se que o fortalecimento desse grupo de intelectuais constituiu um passo relevante para a história do país, principalmente ao demarcarem um espaço de crítica e resistência ao sistema colonial. Futuramente, são alguns nomes dessa geração que voltarão a fazer parte de uma outra organização, com uma proposta política muito mais definida, o MPLA, fundado em 1956 (ABDALA JUNIOR, 2006). Conforme ressalta Marcelo Bittencourt, uma das formas de se tentar driblar a censura e as limitações impostas pela ditadura salazarista foi a partir da vida cultural em Angola, que embora não tivesse um programa político contra as autoridades coloniais, se estruturou como um importante movimento mobilizador e de conscientização, dando forma ao pensamento político daqueles que iriam liderar a luta anticolonial (BITTENCOURT, 2010, p.135).

Este comprometimento da literatura com a história do país tem um episódio importante no momento logo após a independência. A criação de uma associação literária, pelo então presidente Agostinho Netto, a União dos Escritores Angolanos (UEA) passou a reunir todos os escritores angolanos, assim como a incentivar a sua produção, firmando a literatura dentro de um papel de destaque para a consolidação da nação. O documento assinado pelos escritores no momento da fundação da associação esclarece como esses intelectuais pensavam a sua funcionalidade, assim como tinham consciência do seu papel dentro do campo cultural do país:

A história de nossa literatura é testemunho de geração de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo de nossa libertação exprimindo os anseios profundos de nosso povo, particularmente o das camadas mais exploradas. A literatura angolana surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano. (APUD, CHAVES, 2005, p.70).

Essa preocupação com a vida política, fazendo das letras um instrumento de denúncia, continua na fase pós-colonial. Embora o país estivesse independente, a liberdade tão sonhada não veio acompanhada de uma mudança política efetiva. No caso de Angola, Daniel dos Santos afirma que não podemos falar de uma ruptura com o Estado colonial, pois houve a permanência de uma estrutura de

poder única, que controla as relações da sociedade angolana, permitindo o aparecimento de determinados grupos que se colocam como intermediários da riqueza e do poder político (SANTOS, 1995).

E é justamente no “impasse entre o desejado e a realidade”, que surgem as críticas ao sistema político corrupto e excludente que se formou no país. Essa denúncia que aparecerá com frequência nos romances de escritores angolanos⁵, e também em outras nações africanas, leva José Carlos Venâncio (1992) a defender uma interpretação que destaca um particularismo estilístico na literatura do continente. Designando-a de *realismo africano* o autor aponta para o fundo histórico que dá o tom das narrativas desses países, entre eles, Angola. Venâncio ainda ressalta o papel central que Pepetela possui nessa tradição literária, principalmente quando reflete sobre a sociedade como um todo. Seus personagens são construídos em meio ao mundo urbano de Angola, por isso as relações políticas e sociais se apresentam em diferentes meios: o burocrata corrupto, o pseudo-intelectual, o carreirista político, o operário, entre outros (1992, p.59).

Ao ser questionado sobre a sua produção, Pepetela reconhece o quanto a sua experiência de vida interfere no momento da escrita. As preocupações com a nação movimentam as suas tramas, que não se constituem apenas como reprodução de um cenário, pelo contrário, elas trazem reflexões, interferindo diretamente no modo como enxergamos a sociedade angolana. As frustrações de uma geração não são apenas encenadas nas páginas de seus livros sem que com elas não venham perspectivas para um futuro, em um claro ato político.

Ao compreendermos que o relato memorialístico não está preso somente ao passado, mas que o ato de lembrar também é projetado e influenciado por disputas do presente, a narrativa desenvolvida por Pepetela em seus romances políticos deve ser objeto de uma reflexão histórica. O conjunto da sua obra constitui o relato de uma época, construído a partir de interesses que devem ser problematizados. Por isso, ao ressaltar as representações individuais, devemos estar cientes que a memória individual é formada também pela tensão entre várias memórias, pois “a memória é um processo

5 Alguns exemplos são: *Na M'Banza do Miranda* de Arnaldo Santos, *Quem Me Dera Ser Onda* de Manuel Rui e *Os Anões e os Mendigos* de Santos Lima. In: VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e poder na África lusófona*. Lisboa: Ministério da educação. Instituto de Cultura e Língua portuguesa. 1992.

relacional e intersubjetivo”. (CATROGA, 2001 p.18)

Como afirma Inocência Mata, em uma sociedade ainda carente de (auto) reflexão e de instituições que a possam impulsionar sem interesses particulares de determinados grupos, a literatura exerce grande influência ao “desempenhar um papel que vai além da sua significação estética e simbólica” ao exercer o que chamou de “significação extratextual”. Ou seja, ela pode ser interpretada como a conjugação de uma memória individual sobre um passado histórico supostamente coletivo. As contradições vivenciadas dentro da sociedade angolana são postas em evidência. (MATA, 1993, p.51).

Todavia, por mais que a literatura de Pepetela apareça como primordial para analisarmos a sociedade angolana, os estudos sobre a sua produção continuam restritos aos Departamentos de Literatura. Destacam-se nesse cenário os trabalhos das críticas literárias Rita Chaves e Inocência Mata, que abordam os romances de Pepetela através de uma rica análise de suas obras. O interesse da literatura pela produção literária de Pepetela está voltado, sobretudo, para o comprometimento que o escritor tem com o projeto nacionalista do país, ressaltando uma perspectiva que aponta para as contradições existentes na construção harmoniosa da nação defendida pelo Estado.

Nesse sentido, como forma de ampliar o debate, o discurso nacionalista de Pepetela também deve ser problematizado sob um viés que implica reconhecer que a escolha de um nacionalismo homogêneo por parte do Estado é um importante recurso para o fortalecimento do seu poder. Da mesma forma, a centralização política em um partido também favorece o autoritarismo de um Estado. Através desta interpretação, o diálogo com a historiografia produzida sobre o país torna os romances de Pepetela ainda mais interessantes. Ao nos voltarmos para os romances políticos escritos pelo autor a partir da sua saída do MPLA em 1982, percebemos que uma nova abordagem política ganha às páginas. Se antes as críticas internas já se faziam presentes, posteriormente o tom de denúncia será ainda mais ácido, apontando para a traição de um projeto político.

Embora muito utilizado nas pesquisas historiográficas, principalmente no que tange às pesquisas sobre Angola contemporânea, os livros de Pepetela ficam restritos a exemplos ilustrativos que não problematizam as narrativas escolhidas pelo

escritor. A escolha da literatura como fonte exige um rigor metodológico que deve levar em consideração o lugar social de onde as obras são escritas, que papel social e/ou político tem o escritor, quem eram seus interlocutores etc. A contextualização da obra e dos debates públicos mais importantes da época devem ser considerados. Por mais que o romance não tenha uma preocupação com a verdade, sabemos que a sua produção carrega questionamentos e problematizações próprias de um período. No caso de Pepetela esta relação ainda é mais evidente, pois são romances entranhados de história, em que a acusação e a denúncia às relações sociais e de poder, que se formaram no pós-independência, assumem um papel intervencionista na construção de uma nova sociedade.

Deve-se ainda destacar que a dificuldade de fontes para se estudar a história de Angola retarda a produção historiográfica no país. Desse modo, a utilização da literatura pode ser uma alternativa para o preenchimento dessa lacuna. Os arquivos fechados e jornais que retificam uma posição oficial do Estado acabam por delegar aos meios culturais o papel de crítica e porta-voz das oposições ao governo. É importante salientar que os romancistas africanos foram os primeiros a denunciar e problematizar, tanto para um público interno quanto externo, a corrupção existente nos governos pós-independentes (COOPER, 2008)

A escolha de um documento construído como ficcional exige uma reflexão teórica que compreenda que todo documento histórico é sujeito a disputas. Nesse caso, o que mais importa não é determinar se é ficção ou não, o que entra como real ou o que se exclui, mas sim, os testemunhos que escrevem, suas relações com o seu tempo e sua sociedade. Carlo Ginzburg, em referência a Marc Bloch, nos traz uma consideração importante. Para o historiador, “aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção”, pois não nos interessaríamos mais somente pelos dados concretos das fontes, muitas vezes inventados, mas pela “luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos”, teríamos assim, “nos emancipado daquela subordinação do passado” de outrora, pois conseguimos ir além do que as fontes nos descrevem, “embora ainda fiquemos presos em seus rastros”. Assim sendo, caminhar pelos terrenos da ficção para fazer emergir os “testemunhos involuntários”, as “vozes incontroladas” que se encontram nos textos são de extremo interesse para o trabalho (GINZBURG, 2007, p.7-11).

As escolhas que norteiam a pesquisa se inscrevem nas renovações historiográficas dos últimos tempos. A emergência de uma *nova história cultural* trouxe questionamentos relevantes para o ato de fazer história; à medida que os temas e problemas passaram a ser revistos, o interesse pelos movimentos do homem como um todo ficaram mais evidentes. O modo de tratar as fontes também mudou e elas passaram a não ser mais vistas como verdades, mas como textos a serem interrogados e interpretados.

Para o historiador, “o verdadeiro não deve ser um ponto de partida e sim de chegada” (Ginzburg, 2007, p.10). Partir do falso e do fictício não inviabiliza chegar até a realidade social do autor, pelo contrário, ao nos voltarmos para as lendas, os mitos e imaginários construídos por determinada sociedade, podemos chegar às motivações políticas e sociais de um grupo. O sujeito nesse caso é visto como parte significativa e atuante em seu meio, o que nos leva a conhecer as redes de interlocução em que estão inseridas as fontes. No caso do uso da literatura como principal fonte, o que Ginzburg denomina de “paradigma indiciário” deve ser levado em consideração. Compreende-se que os pormenores e os pequenos gestos inconscientes, aparentemente detalhes secundários, podem revelar questões centrais para a pesquisa. Como defende o intelectual, a realidade testemunhada deve ser insistentemente analisada; podemos inclusive ler sobre uma perspectiva diferente das intenções do autor, utilizando os seus rastros.

Além desses novos questionamentos, a utilização da literatura como fonte de pesquisa implica reconhecer ainda a pertinência do conceito de *representação* para os estudos históricos. As imprecisões conceituais do termo levantam questionamentos de base teórica para a disciplina. De acordo com Francisco Falcon, há um debate entre duas correntes principais: uma que considera o conceito como uma base epistemológica para a história, que acredita no processo real e racional da escrita historiográfica; a outra vê o conceito como uma negação da possibilidade do conhecimento histórico, a sua escrita não passaria de um discurso, amparada em uma dimensão linguística do texto. Portanto, devemos tratar com clareza as diferenças que existem entre defender a possibilidade de partirmos de uma fonte, aparentemente, sem preocupação com a verdade, e reduzir a escrita da história às variações interpretativas de discurso (FALCON, 2000)

O que se propõe ao eleger os romances de Pepetela como fontes principais para a pesquisa historiográfica é identificar, como afirma Ricouer, que “a história e ficção apresentam atitudes diferentes diante da temporalidade, mas realizam o mesmo fim: dar forma e sentido à experiência vivida” (APUD, REIS, 2010 p.71). Contrapondo a ideia ceticista acerca da impossibilidade do historiador atingir a realidade histórica, Ginzburg defende que para além de ficarmos presos ao pressuposto de que toda narrativa histórica é inventada, “devemos indagar por que percebemos como reais os fatos contados num livro de história”. Pois mesmo partindo de um componente subjetivo para a sua escrita, o historiador tem como princípio a verdade histórica, diferenciando-a das narrações ficcionais. Mesmo as subjetividades fazem parte de reflexões metodológicas que procuram diferenciar-se do “positivismo ingênuo” no qual a “realidade é cognoscível diretamente, sem mediações”. (GINZBURG, 2002).

Ao levar em consideração estas questões, o uso do conceito de representação está relacionado a um sentido mais particular, que não deixa de estar em sintonia com o social. A derivação de determinados discursos está intimamente ligada à posição de quem o faz, de como interpreta a sociedade em que vive e a realidade na qual está inserido. Por isso, a aproximação da história e da literatura também deve ser vista dentro do campo das representações. Defende-se que as percepções sobre o social não são neutras, elas são desenvolvidas em diálogo com os interesses de um determinado grupo. A realidade é construída envolta ao modo como ocorre a apropriação do contexto, por isso, “as modalidades do agir e do pensar devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos” (CHARTIER, 2002, p.25).

Assim, o diálogo entre a história e a literatura se torna fecundo à medida que entendemos a história e as fontes históricas não como verdades absolutas, mas sim, como representações historicamente construídas sobre dada realidade, produzidas dentro de processos históricos determinados. As disputas e os anseios se relacionam e definem a escrita de determinado texto. Como afirma Chalhoub, os testemunhos do sujeito (intencionais ou não) devem ser tomados pelo historiador com o objetivo de descobrir e detalhar com o mesmo comprometimento tanto as condições de produção de uma página em livro de ata, de um depoimento em processo criminal, quanto um conto, uma crônica ou uma peça literária (CHALHOUB e

PEREIRA, 1998, p.8).

OS ROMANCES DE PEPETELA E A ESCRITA DA HISTÓRIA ANGOLANA

Ao nos debruçarmos sobre os romances de Pepetela, somos remetidos a uma narrativa desenvolvida em profunda convergência com a realidade angolana. Os personagens construídos estão em diálogo com a complexidade que forma a política e as relações de poder de Angola no pós-independência. Cercados de ironia, personagens como *Carmina cara de cú (CCC)* e *Vladimir Caposo (VC)* são metáforas de uma sociedade marcada por uma política de corrupção. Estas representações estão diretamente relacionadas com a posição intelectual que Pepetela ocupa na sua sociedade. Suas críticas estão em diálogo com os anseios de um projeto político que não evoluiu por conta dos interesses individuais que emergiram.

Ao adentrarmos a produção literária de Pepetela podemos perceber o quanto a estrutura das suas narrativas possui como temática central a história do seu país. Alguns romances, inclusive, são retratados pela crítica literária como históricos, como também é reconhecido pelo próprio escritor, que admite já ter recorrido à arquivos para a escrita de seus livros. Todavia, ao focarmos nos romances considerados políticos, compreendemos que há uma escrita muito mais engajada, que denuncia um sistema político corrupto, clientelista e patrimonialista. Em diálogo com uma historiografia recente, os romances de Pepetela vão contribuindo para uma reflexão importante acerca das relações políticas angolanas, que mesmo após a independência, guardam marcas do período colonial.

Destacam-se nesse viés *O Cão e os Caluandas* (1985), *A Geração da Utopia* (1991-92), *Desejo de Kianda* (1995) e *Predadores* (2005). O primeiro, escrito, segundo o autor, entre os anos de 1979 e 1983, somente é publicado em 1985 já após a sua saída do MPLA em 1982. O romance é marcado por uma narrativa em que o socialismo, pela primeira vez, aparece claramente como retórica, um meio encontrado para o fortalecimento político de poucos. Ao favorecer um pequeno grupo da elite angolana contribuía para a lógica patrimonial, em que os bens públicos não se diferenciavam dos bens privados. O segundo, construído através de uma narrativa que abarca quatro décadas, explora as contradições existentes dentro dos movimentos de libertação que levou ao processo de enfraquecimento da certeza

revolucionária.

Já *Desejo de Kianda* e *Predadores* marcam uma escrita mais ácida em termos de denúncia. O avanço de uma economia de mercado passa a influenciar diretamente as relações da sociedade e do Estado, que é movido pelo poder das classes dominantes. A corrupção se torna presente em diferentes níveis, do macro ao micro. Tanto nas relações pessoais quanto nas que envolvem a sociedade civil e o Estado, o autoritarismo é evidente.

Ao nos voltarmos para as histórias, percebemos também o quanto as questões sociais e políticas são sempre abordadas por perspectivas diferentes. Em *O Cão e os Caluandas*, a figura do cão como personagem simbólico – importante nas culturas africanas e nas mitologias de diversas civilizações – revela o cotidiano da cidade de Luanda, construindo um painel da sociedade pós-independente (SALGADO, 2009). Ao flunar pela cidade ele desmascara personagens: como o pretenso intelectual e o corrupto, entre outros. Nesse caso, a interpretação sobre as escolhas linguísticas e de recursos narrativos do texto oferece um ótimo diálogo para compreendermos as críticas à história política do país. Mais uma vez, em *Desejo de Kianda*, Pepetela recorre às imagens simbólicas e mitológicas para construir suas críticas. A Kianda das lendas e espírito das águas ecoavam seu cântico com o intuito de restaurar o Kinaxixi, um dos principais bairros da elite angolana (ALVES, 2009). O desmoronamento dos prédios do bairro vira um mistério, o pó dos escombros provoca o caos, utilizado como metáfora para denunciar a perda dos valores dos dirigentes políticos. As velhas estruturas coloniais passam a ser postas sobre novos termos a partir da aliança do casal João Evangelista e CCC. A militante do partido encarnaria as mudanças do próprio partido, como aposta o narrador: “Carmina era sem dúvida uma filha do seu partido” (PEPETELA, 1995, p.73).

Geração da Utopia e *Predadores*, embora não recorram a questões mitológicas, também são construídos a partir de uma estrutura narrativa que aponta para questões pertinentes. Ao pensarmos nos títulos de ambos os livros somos levados pela escolha de seus adjetivos aos terrenos da sociedade angolana. O primeiro se refere a uma geração que marcou um período histórico, de acordo com Pepetela: “esta é apenas a estória sobre uma geração que fez a independência e não soube fazer mais” (BUENO apud CHAVES,

2009, p.42). A desilusão que paira sobre o grupo do qual fez parte dá o tom de todo o livro. O outro é uma referência aos indivíduos predatórios que compõem a sociedade e a devoram; não encontram limites para os seus interesses, o comprometimento com o partido e a ideologia socialista se restringem à busca pelo enriquecimento e poder. A destruição da sociedade angolana e do projeto político sonhado antes era feita por esses grupos.

Construídos em diferentes tempos, os romances políticos de Pepetela retomam questões centrais para a História angolana na contemporaneidade. Escritos a partir de uma narrativa em movimento, eles exploram os processos históricos recentes que contribuíram para a construção do Estado angolano, assim como para o desenvolvimento da sociedade no decorrer da independência. Na passagem de tempo, característica de seus romances, fica explícita a permanência de um modelo político marcado pelo autoritarismo, que nem mesmo as transições políticas foram suficientes para desenvolver uma mudança.

Desta forma, dois momentos são importantes para a análise histórica dos romances políticos do autor: Primeiro, o período da escrita, a partir de 1985, que é um momento em que politicamente Angola está passando por transformações, principalmente no que concerne aos ideais socialistas, que vão sendo aos poucos deixados para trás. É uma fase de transição política – do unipartidarismo ao multipartidarismo – que vai estar presente nas demais narrativas de Pepetela. Aos poucos é tecida uma intensa crítica aos rumos tomados pelos dirigentes políticos e pela elite econômica que se formou em Angola. Caracteriza-se uma sociedade complexa que é tomada pela corrupção. A utopia revolucionária de outrora estava sendo substituída pela burocracia de um Estado patrimonialista e por uma economia de mercado que sublinhava cada vez mais a desigualdade existente no país.

Em outro momento, de forma complementar ao primeiro, é de extrema relevância analisar as representações feitas por Pepetela acerca do momento escolhido para traçar suas narrativas. Seus livros de crítica à política do Estado no pós-independência estão demarcados entre os anos de 1961 e 2005. Por meio de um movimento constante, acompanhado a partir da trajetória de vida de um personagem principal, somos envolvidos em uma história da política recente angolana, que aponta para os desvios de um projeto político que foi

sonhado anteriormente.

Como podemos notar, questões que já apareciam na década de 1980 nos romances de Pepetela, só ganharam destaque na historiografia e na ciência política no final da década de 1990, e, mais precisamente, nos anos 2000. Patrick Chabal destaca em diversos trabalhos as relações que se desenvolveram entre as sociedades e os Estados africanos após a independência que possam ter permitido a formação de um governo *neopatrimonial*, apesar das estruturas políticas formais existentes. Observa-se que a política contemporânea nos Estados africanos está pautada sobre uma complexa rede dividida entre os interesses particulares e do governo, em que a sua legitimidade política estaria baseada na “habilidade dos políticos para alimentar as redes das quais suas posições dependem” (CHABAL, 2007, p.7)

Assim, para entendermos os aspectos políticos que se desenvolveram no pós-independência devemos dar maior atenção ao sistema político que foi formado, em que se construiu uma relação vantajosa entre a sociedade e o Estado. Chabal argumenta que os principais problemas enfrentados pelos africanos estão relacionados com as formas de poder exercidos no continente, assim como com as “complexas formas em que a sociedade e a política interagem”. O poder formal concentrado no Estado e o que denomina de poder informal, baseado nas relações clientelistas e patrimoniais, se mesclam e formam o sistema político africano. Para o autor, esse debate é fundamental para compreendermos a legitimação do Estado africano contemporâneo.

Nuno Vidal, assim como Christine Messiant, também são importantes intelectuais que dedicaram seus estudos à vida política angolana. Compreendem que desde a independência do país, se estruturou um sistema institucional de privilégios sociais em que o partido passou a ser a principal ligação para a distribuição de benefícios e bens materiais (VIDAL, 2006, p.12). Protagonizou-se uma grande centralização política e administrativa que tinha na figura do presidente o grande líder. Mesmo após o multipartidarismo, não houve a transição para a democracia em Angola, pois o quadro político do Estado ainda estaria associado a benefícios da redistribuição - “o que se impõe na prática como modo de acesso aos bens e serviços é, pois, o modo clientelista e não a reivindicação de

direitos própria a uma democracia” (MESSIANT, 2006, p.147).

O diálogo entre Pepetela e essa historiografia aparecem, principalmente, quando o escritor representa em seus romances o aspecto autoritário e patrimonial do Estado, que foi forjado também internamente, embora este tenha se consolidado em oposição ao colonizador. Buscando traçar uma identidade nacional para se fortalecer politicamente a estrutura autoritária permaneceu. Essa denúncia está presente em diversos romances do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A máxima de que o autoritarismo só teria sido possível em função do colonialismo – tão logo a independência teríamos um Estado livre e democrático – ou mesmo que o Estado autoritário teria sido exclusivamente uma herança do período colonial – restringindo apenas a fatores externos os problemas internos, logo entra em desalinho às críticas feitas por Pepetela. Mesmo fazendo parte de uma memória individual, sua narrativa dialoga com os anseios, perspectivas e opiniões da sociedade. Os discursos proferidos pelo romancista fazem parte de uma crítica interna que chama a atenção para aqueles que teriam traído a construção da nação e o projeto de uma sociedade democrática e mais igualitária ao privilegiar seus interesses pessoais.

A pesquisa também está amparada sob uma perspectiva de que o poder não se reproduz apenas de cima para baixo, mas se desenvolve a partir das relações individuais existentes na sociedade. Desse modo, as representações construídas por Pepetela apontam tanto para os modos com que os angolanos se relacionam politicamente quanto socialmente, à medida que compreendemos que as posições políticas são influenciadas pelos valores e costumes compartilhados no interior das sociedades. Ao partirmos dessa premissa, a estruturação de um modelo político ao longo dos anos pós-independência, que se perpetua no poder, principalmente através de relações clientelistas, deve ser pensada também a partir dos indivíduos que compõem a sociedade, por esse motivo, a escolha do intelectual torna-se fundamental para refletirmos sobre a Angola na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Panorâma histórico da literatura angolana*. In.: CHAVES R. E MACÊDO, T. (orgs) Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

ALVES, Maria Thereza A. *O desejo de Kianda: Crônica e fabulação*. In.: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania. (Org.). Portanto...Pepetela. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

ARRIGHI, Giovanni. *Aspectos derivados del sistema-mundo y aspectos regionales*. Disponível em: <www.uruguaypiensa.org.uy/imgnoticias/897>. Acesso em: 20 de setembro de 2014.

BITTENCOURT, Marcelo. Angola: Tradição, modernidade e Cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; MATTOS, Hebe; OLIVEIRA, João Pacheco; MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes; RIDENTI, Marcelo (org.). Tradições e modernidades. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos Juntos. O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Niterói: Tese de Doutorado/ Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, junho de 2002.

CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra, Quarteto, 2001

CHABAL. Las políticas de violência. In: Revista Académica de Relaciones Internacionales, Núm. 6 Abril de 2007, UAM-AEDRI.

CHABAL, Patrick. In Vidal, Nuno & Pinto de Andrade, Justino. *Sociedade Civil e Política em Angola, enquadramento regional e internacional*, (Luanda & Lisboa: Universidade de Coimbra & Univ Católica de Angola, 1ª edição, 2008; 2ª ed. 2009)

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo de Afonso M. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e Utopia na História de Angola*. Via Atlântica n°2. Jul. 1999. São Paulo: USP.

CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania. (org.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

COOPER, F. *Conflito e Conexão: repensando a história colonial da África. Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.21-73, jul. 2008

FALCON, Francisco J. Calazans. História e Representação. In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000, p. 41-80.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Unicamp, 2003.

MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana. O caso de Pepetela*. Edições Colibri, 1993.

MESSIANT, Christine. Transição para o Multipartidarismo sem transição para a Democracia. In.: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs.). *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA. *Desejo de Kianda*. São Paulo: Leya, 1995.

PEPETELA. *Geração da Utopia*. São Paulo: Leya, 2013.

PEPETELA. *Predadores*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SALGADO, Maria Teresa. O cão e os caluandas: O texto, o leitor e o mundo. In.: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania. (org.). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

SANTOS, Daniel dos. A formação do Estado angolano na época da globalização. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*. n. 1 (2. sem. 95). —Niterói: EdUFF, 1995.

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e poder na África lusófona*. Lisboa: Ministério da educação. Instituto de Cultura e língua portuguesa. 1992.

VIDAL, Nuno. Multipartidarismo em Angola. In: VIDAL, Nuno e ANDRADE, Justino Pinto. (orgs). *O Processo de Transição para o Multipartidarismo em Angola*. Luanda: Firmamento, 2006.